

Bibliografia do Autor

Poesia

CICLO DE CYPRIS
Porto: 1969

SETE SOLSTÍCIOS
Porto: 1972

A VOZ E AS VOZES
Porto: Inova, 1977

ESTÂNCIAS
Porto: Brasília Ed., 1980

TERRA SIGILLATA
Lisboa: E Etc., 1982

DOIS EQUINÓCIOS
Porto: Campo das Letras, 1996

Romance Conto e Novela

UM VERÃO ASSIM
Porto: Livraria Paisagem Editora, 1974
O Ouro do Dia, 1982
Lisboa: Quetzal, 1988

AS MÁSCARAS DE SÁBADO
Lisboa: Assírio e Alvim, 1976
Porto: O Ouro do Dia, 1982

DAMASCENA
Lisboa: Contexto Editora, 1983

IMPROVISO PARA DUAS ESTRELAS DE PAPEL
Porto: Afrontamento, 1983

DAS TORRES AO MAR
Porto: O Ouro do Dia, 1983

AMADEO (Trilogia da Mão)
Lisboa: I.N.C.M., 1984
D. Quixote, 1993

GUILHERMINA (Trilogia da Mão)
Lisboa: I.N.C.M., 1986
D. Quixote, 1993

DUAS HISTÓRIAS DO PORTO
Porto: Labirinto, 1986

A FUGA PARA O EGIPTO
Lisboa: Quetzal, 1987

ROSA (Trilogia da Mão)
Lisboa: I.N.C.M., 1988
D. Quixote, 1993

A QUINTA DAS VIRTUDES
Lisboa: Quetzal, 1990

TOCATA PARA DOIS CLARINS
Lisboa: D. Quixote, 1992

ITINERÁRIOS
Lisboa: D. Quixote, 1993

TRILOGIA DA MÃO. AMADEO, GUILHERMINA, ROSA
Lisboa: D. Quixote, 1993

AS BATALHAS DO CAIA
Lisboa: D. Quixote, 1995

O PÓRTICO DA GLÓRIA
Lisboa: D. Quixote, 1997

PEREGRINAÇÃO DE BARNABÉ DAS ÍNDIAS
Lisboa: D. Quixote, 1998

Livros para crianças

OLGA E CLÁUDIO
Porto: Afrontamento, 1984

A BRUXA, O POETA E O ANJO
Lisboa: Campo das Letras, 1996

Teatro

NOITES DE ANTO
Lisboa: Rolim, 1988
D. Quixote, 1995

A ILHA DO ORIENTE
Lisboa: Quetzal, 1989
D. Quixote, 1995

HENRIQUETA EMÍLIA DA CONCEIÇÃO
Lisboa: D. Quixote, 1997

Crónicas

O OUTRO GÊNESIS
Lisboa: Rolim, 1988

UMA COROA DE NAVIOS
Lisboa: D. Quixote, 1992

Crítica e Ensaios

CALE (antologia)
Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 1976

ITALY: 41 IMPRESSIONS
Tunbridge Wells, Badger, 1979

PARA O ESTUDO DO ANALFABETISMO E DA RELUTÂNCIA À LEITURA EM PORTUGAL
Porto: Brasília Editora, 1979

ANTÓNIO NOBRE: Correspondência com Cândida Ramos
Porto: Biblioteca Pública Municipal, 1982

ANTÓNIO NOBRE. "ALICERCES" seguido de "LIVRO DE APONTAMENTOS"
Matosinhos: Câmara Municipal ; Lisboa: I.N.C.M., 1983

QUARTO DE NOITE
Porto, Simão Guimarães e Filhos, 1987

EMERENCIANO OU O TEOR DAS ACTAS
Lisboa: I.N.C.M., 1989

Colaborações Diversas

EXPOSIÇÃO O PORTO E A RENASCENÇA PORTUGUESA
Porto, 1980

OS POETAS DO CAFÉ
Porto, 1981

TERRA: PORTO
Porto, Exercício de Dizer, 1981

A ILHA DOS AMORES
Porto, AJHLP, 1984

OLHOS DE ORFEU: DOZE POETAS DO PORTO
Porto, AJHLP, 1985

AS PALAVRAS DA TRIBO (I)
Funchal, Quetzal, 1985

ROSALÍRICA: HOMENAXE DE 27 POETAS PORTUGUESES A ROSÁLIA...
Sada: Ed. do Castro, 1985

TEMPO MIGRATÓRIO: SELECÇÃO DE POESIA PORTUGUESA INÉDITA
Porto, Limiar, 1985

EXPOSIÇÃO UM OLHAR SOBRE CABO VERDE
Porto, 1994

Parte da obra de Mário Cláudio encontra-se publicada em Alemão, Castelhana, Francês e Italiano.

CONVERSAS
COM A
Escrita

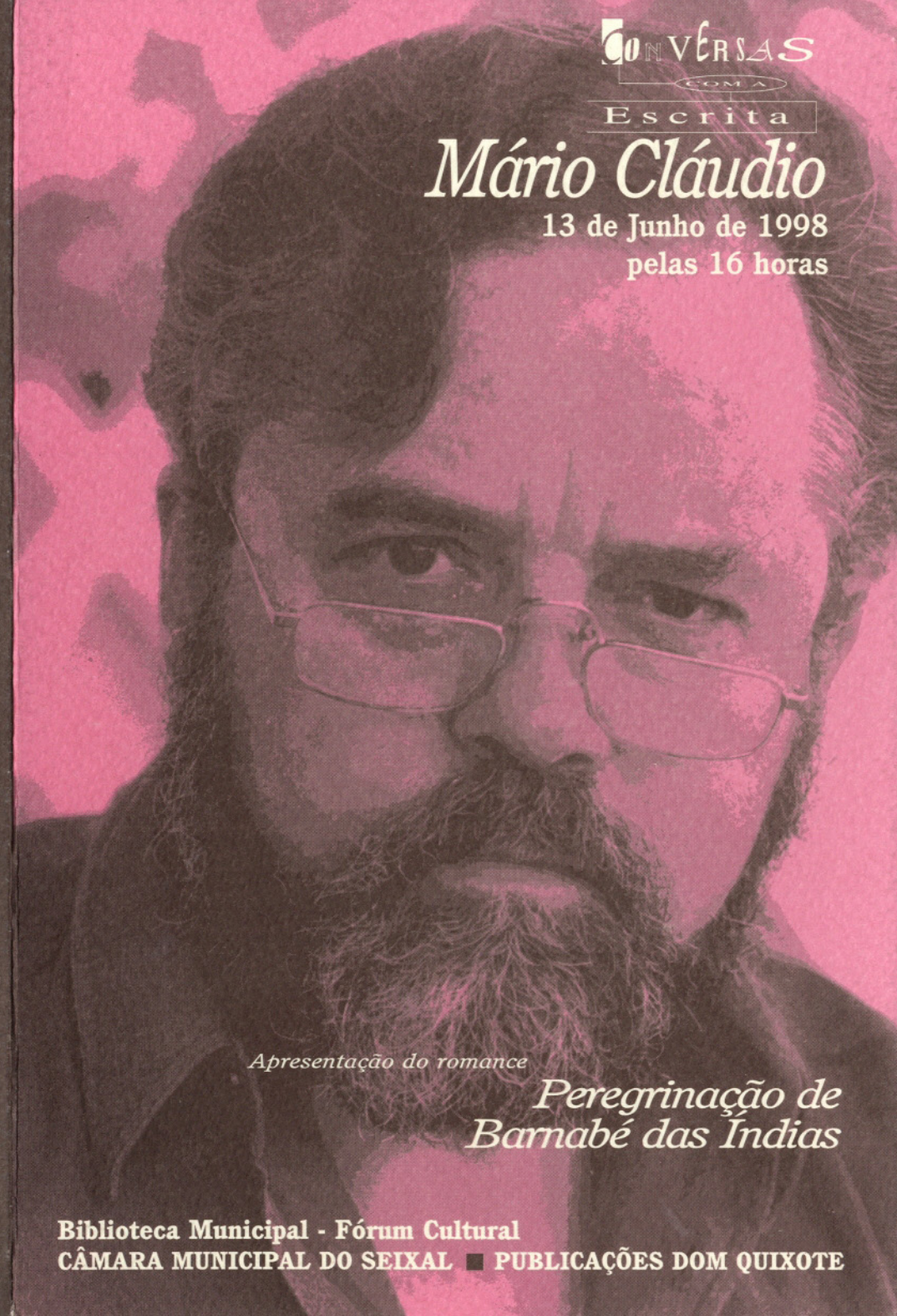
É uma proposta da Câmara Municipal do Seixal e das Publicações Dom Quixote para que possa ver, ouvir e conversar com alguns dos mais importantes escritores, criadores e pensadores da cultura e língua portuguesa.

Biblioteca Municipal do Seixal
Fórum Cultural - Quinta dos Franceses
2840 Seixal Telefones: 2226411/2/7

CONVERSAS
COM A
Escrita

Mário Cláudio

13 de Junho de 1998
pelas 16 horas



Apresentação do romance

Peregrinação de Barnabé das Índias

Biblioteca Municipal - Fórum Cultural
CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL ■ PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE



Nota Biográfica

Rui Manuel Pinto Barbot Costa (Mário Cláudio) nasceu a 6 de Novembro de 1941 no Porto, cidade onde passou a sua infância e efectuou os estudos secundários. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e, posteriormente, diplomou-se pela mesma Universidade com o Curso de Bibliotecário Arquivista. Prosseguiu a sua formação académica, como bolseiro do Instituto Nacional de Investigação Científica, na Universidade de Londres (University College) onde obteve uma pós-graduação em *Master of Arts in Library and Information Studies*.

Mário Cláudio desenvolveu actividade profissional como bibliotecário, funcionário superior da Delegação Norte do Ministério da Cultura e membro da Comissão Instaladora do Museu Nacional de Literatura. É, desde há dez anos, docente na Escola Superior de Jornalismo do Porto leccionando as cadeiras de *Gramática da Comunicação*, *Atelier de Escrita* e *Jornalismo e Literatura*.

Tendo iniciado a sua conceituada carreira literária em finais dos anos 60, Mário Cláudio veio a revelar-se um autor extremamente produtivo. A sua obra multifacetada, que conta já cerca de quarenta títulos,

abrange poesia, romance, novela e conto, livros para crianças, teatro, crónicas, crítica e ensaio e ainda diversas colaborações, traduções literárias e textos jornalísticos publicados nos jornais *Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias*, *Semanário*, *Expresso*, *Diário de Lisboa*, *Jornal de Letras*, *O Jornal* e nas revistas *Prelo*, *Sema*, *Vértice* e *Colóquio Letras*.

Mário Cláudio é um nome maior na actual ficção contemporânea portuguesa. Das suas biografias romanceadas sobre as vidas de Amadeo de Sousa Cardoso, Guilhermina Suggia e Rosa Ramalho, reunidas posteriormente no volume *Trilogia da Mão*, duas delas foram contempladas, respectivamente, com o Grande Prémio de Novela e Romance da Associação Portuguesa de Escritores (*Amadeo*, 1984) e Prémio Antena 1 da Radiodifusão Portuguesa (*Guilhermina*, 1986). Foi ainda vencedor do Prémio Américo Lopes de Oliveira (Fafe, 1993) com o romance *Tocata para dois clarins* e nomeado, como representante de Portugal, ao Prémio da Ficção Europeia de 1992 e ao Prémio do Teatro Europeu de 1997.

O mais recente romance de

Mário Cláudio, *Peregrinação de Barnabé das Índias*, relata as memórias de Vasco da Gama e do jovem grumete Barnabé sobre a grande viagem de descoberta. A par deste soberano empreendimento decorre uma outra jornada mais secreta e misteriosa, a viagem maior que, inconscientemente, os navegantes também empreenderam: o simbólico itinerário que leva à graça e à salvação.

Na narrativa de Mário Cláudio, primorosa na recriação das cores e ambientes do tempo, visões do mundo e discurso de época, a gesta do descobrimento do caminho marítimo para a Índia transcende o que teria sido a expedição aventureira a um lugar desconhecido e longínquo para se transformar num percurso iniciático em que as Índias distantes não são tanto um lugar físico exótico e incógnito, pretexto para a difusão da fé e fonte de mercâncias e riquezas, mas antes destino que se atinge pelo despojamento e provação.

E se é sobre o brilhante mas inseguro capitão-mor que o rei, senhor temporal, alicerça a sua fama e triunfo (*tu és Vascus, e sobre este penedo edificarei o meu império*) será Barnabé (*nome cuja origem designa filho do profeta*) que, ao longo de um percurso de iluminação, acaba por ser o escolhido e designado para

descobrir as verdadeiras terras da Índia. Vasco da Gama, anos mais tarde e já no Inverno da vida, enriquecido mas ostracizado e sem glória, é finalmente capaz de decifrar o mistério ao formalizar a Barnabé a pergunta: *quem afinal descobriu essas Índias?* Compreende, então, que essas paragens, outrora franqueadas, encerram as suas fronteiras muito para além da vanglória, das trevas povoadas por medos e mostrengos e decide-se a retomar, por ocasião da sua segunda e derradeira viagem, a busca das partes do reino prometido.



Mário Cláudio

Peregrinação de Barnabé das Índias
Ed. Publicações Dom Quixote
Col. Autores de Língua Portuguesa

"Mas solitário como eu outro nenhum viverà pelos lugares deste Mundo, pois que, havendo realizado a viagem que ninguém ousou, comigo arrastando para a morte um ror deles, e raros trazendo de regresso, iluminados por luzes que jamais me visitaram, me acoitei aqui, nas terras de Nisa de minha pertença, (...). E perguntando-me alguém que oceanos atravessei, e a que enseadas terei aportado, resposta nenhuma me colhe, vinda dos fundos de um sono de chumbo, porquanto em sonho, e em nada mais, singraram as armadas em que me meti, e se a Lisboa reverteram, ou se de encontro aos rochedos se partiram, não alcançará atestá-lo com provas condignas a minha inteligência, e menos ainda a memória que me resta, empecida pelo cúmulo das décadas que é um dobre a finados, e composta de farrapos que o vento se empenha em levar, e das cidades de que umas linhas e umas cores leguei na relação que por aí fica, apagadas como se topam pela neblina que as não vestia dantes, não atino com o que quer que possa acrescentar, perdidas como as areias da praia de Sines que em infante erguia eu num alcácer imensíssimo, (...)".